

Quanto de alimento saudável poderia ser produzido no Brasil se houvesse diversificação do plantio do tabaco?

ACT Promoção da Saúde lança estudo de economista que responde a essa pergunta e propõe política pública para a diversificação

O Brasil, que enfrenta uma situação de insegurança alimentar e de fome, produz tabaco numa quantidade de terras equivalente à da produção de todos os vegetais, legumes e frutas consumidos no país. Se houvesse transição para a produção de comida diversa e de verdade, teríamos ganhos no enfrentamento da insegurança alimentar e da fome, mais qualidade de vida para fumicultores e menos custos com doenças tabaco relacionadas.

Esta é a conclusão da Nota Técnica que a ACT Promoção da Saúde lança hoje, 29 de maio, semana do Dia Mundial Sem Tabaco. O estudo foi encomendado ao economista Valter Palmieri Jr., da Universidade Estadual de Campinas, e está de acordo com o tema escolhido pela Organização Mundial da Saúde para a data, "Precisamos de alimentos, não de tabaco", que chama a atenção para que países invistam no apoio a alternativas à cultura do fumo.

Essa troca, de acordo com o economista, é mais do que necessária e urgente, é parte do compromisso que o Brasil assumiu em 2005 ao aderir à Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco da OMS, tratado internacional de saúde. Em seus artigos 17 e 18, o texto deixa evidente que uma das políticas importantes para o controle do tabaco é a promoção de alternativas economicamente viáveis para os agricultores, e a proteção do meio ambiente e à saúde das pessoas. O Brasil tem o Programa Nacional de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco, criado em 2005, que teve experiências exitosas, mas que está sem recursos desde 2018.

O Brasil é o terceiro maior produtor de folha de tabaco do mundo e o primeiro em exportação. Se a área destinada ao plantio do tabaco fosse até mesmo parcialmente utilizada para plantar alimentos, como grãos, vegetais, legumes e frutas, poderia depender menos de importações e levaria a um aumento de renda para os agricultores. Na China, por exemplo, a relação de terras destinadas à produção de alimentos (vegetais, frutas e arroz) é 6 vezes maior que no Brasil (72,9 versus 11,8).

Na pesquisa, baseada em dados oficiais, estima-se que se 30% das terras destinadas para produzir fumo hoje fossem utilizadas para produção de arroz, haveria um acréscimo de 723,6 mil toneladas, por ano, desse alimento, um dos mais consumidos pelos brasileiros. Se esses mesmos 30% fossem destinados para produzir uvas frescas, cultura viável na região fumageira, o sul do país, haveria um acréscimo de 2,43 milhões da fruta, por ano e, se essa terra fosse para produzir trigo, um acréscimo de 300 mil toneladas, também anual, número que ajudaria na diminuição da dependência da importação desse produto, ingrediente basilar de muitas receitas caseiras.

Diferentemente da imagem de geração de renda e desenvolvimento propagada pela indústria, nas principais áreas produtoras do Brasil observam-se baixos índices de desenvolvimento econômico, com frequentes problemas sociais como trabalho infantil e/ou análogo à escravidão. A maioria das famílias produtoras (54%) tem renda de até três salários-mínimos, de acordo com outra pesquisa de 2018 para a Organização Pan-Americana da Saúde. Os agricultores ainda sofrem com impactos graves à saúde causados por intoxicação pelo manuseio intensivo da folha (a doença da folha verde do tabaco) e a exposição frequente a inseticidas e agrotóxicos.

O texto da Nota Técnica conclui que políticas públicas destinadas a substituir gradualmente a produção de tabaco para produzir alimentos economicamente viáveis traria inúmeros benefícios e faz recomendações, como recursos financeiros e técnicos às famílias de fumicultores que optarem por diversificar, apoio logístico para venda e escoamento da produção.

A Nota Técnica está disponível em:

<https://actbr.org.br/post/nota-tecnica-quanto-de-alimento-saudavel-poderia-ser-produzido-no-brasil-se-diversificasse-o-plantio-do-tabaco/19507/>